



XIII Congresso de ECOLOGIA

III International Symposium of Ecology and Evolution

Múltiplas ecologias: evolução e diversidade

08 a 12 de outubro de 2017 • UFV - VIÇOSA | MG

HÁ VIDA APÓS A MORTE? EFEITO DA MORTE DO FORÓFITO NA RIQUEZA DE EPÍFITAS VASCULARES

Samyra Furtado^{1*}, Luiz Menini Neto^{1,2}

1. Programa de Pós-graduação em Ecologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 36036-900, Brasil 2. Departamento de Botânica, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 36036-900, Brasil *Correspondência para furtadosg@gmail.com

Tema/Meio de apresentação: Ecologia de comunidades/Pôster

A colonização das árvores por epífitas é análoga à de ilhas vulcânicas, com o crescimento da árvore surgem mais nichos e, com o passar do tempo, aumentam a riqueza de epífitas. A relação positiva entre a idade/tamanho do forófito e a riqueza de epífitas é bem documentada enquanto o que ocorre após a morte do forófito é apenas previsto como uma perda rápida da riqueza. A morte da árvore reduz o nicho para epífitas devido à perda da copa e da casca até a queda do forófito. Dessa forma, hipotetizamos que árvores mortas em pé apresentariam menor riqueza que árvores vivas. Amostramos forófitos com DAP (diâmetro a altura do peito, 1,30m do solo) > 4,8cm em 24 parcelas de 10x20m em uma nanofloresta nebulosa da Floresta Atlântica, totalizando 879 forófitos, dos quais 114 mortos. Foram encontradas 148 espécies epífitas, 77 sobre árvores mortas, embora nenhuma exclusiva. A composição não diferiu entre os forófitos vivos e mortos. A riqueza de epífitas apresentou correlação com o aumento do DAP ($R^2 = 0,58$, $p = 1,06 \cdot 10^{-79}$). A riqueza média dos forófitos foi comparada através de teste t , e os mortos apresentaram menor riqueza ($p = 7,18 \cdot 10^{-5}$). Uma comparação, através de rarefação, dos 60 maiores forófitos vivos e 60 maiores mortos mostrou menor riqueza dos últimos. Tais resultados confirmam a hipótese de que árvores mortas têm menor riqueza. Mesmo ficando em pé, sua morte leva à perda dos ramos e da casca, à diminuição da variedade de substratos e sua queda reduz a riqueza das epífitas. O DAP é uma excelente ferramenta para estimar a idade dos forófitos vivos, mas a partir de sua morte não existem formas quantitativas de estimar a passagem do tempo. Futuros trabalhos podem levar em consideração a criação de categorias do nível de decomposição, incluindo árvores caídas para esclarecer melhor a perda das epífitas.

Agradecimentos/Acknowledgements: Os autores agradecem a CAPES, pela bolsa concedida à primeira autora, a PGECOL e ao IEF pelo apoio logístico.